

Documentação

Fonte: FSP

Data: 24/2/96 pg 5-2

Class: Xavantes / Indígenas

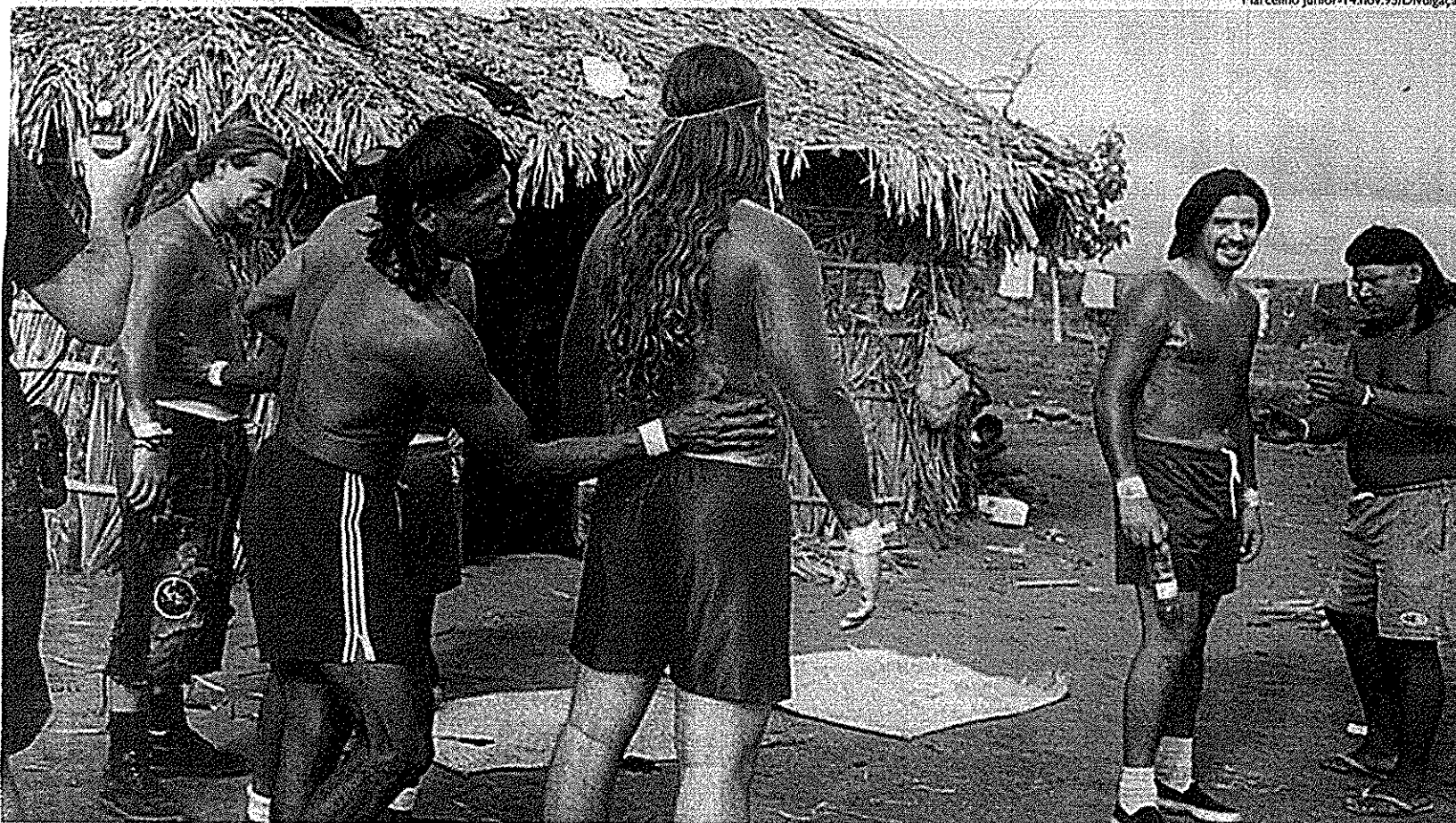
1390

DISCO/LANÇAMENTO

Sepultura foge do padrão heavy metal

O disco "Roots" chega às lojas em março e traz parceria com Carlinhos Brown e com índios xavantes

Marcelino Junior-14.nov.95/Divulgação



Integrantes da banda de rock Sepultura recebem pintura de urucum no corpo para ritual de cura dos índios xavantes

CÉLIA ALMUDENA

Da Reportagem Local

O sexto disco do Sepultura, "Roots", é surpreendente sob todos os aspectos. Tem todo o peso que identifica a banda, mas vem com molho percussivo que dá um caráter inovador ao ambiente de pouca criatividade no panorama do rock atual.

O tema central deste primeiro trabalho conceitual do grupo é o resgate das raízes. A identidade da banda, o estilo ultrapesado e agressivo, só foi reforçado.

A combinação explosiva de experimentalismo e pesquisa musical mescla Carlinhos Brown e os cantos dos índios xavantes ao peso habitual do Sepultura.

Isso não parece novidade, afinal vários grupos vêm misturando rock com ritmos brasileiros há muito tempo. O fato é que somando a experiência internacional da banda com a impecável produção de Andy Wallace, o Sepultura cavou fundo e encontrou suas verdadeiras raízes.

Em "Roots" é evidente a fuga do padrão metal quadrado. É difícil uma banda chegar ao sexto disco e mostrar uma evolução criativa tão profunda, com um salto de qualidade astronômico em relação ao trabalho anterior, "Chaos A.D."

"Roots Bloody Roots" dá a largada para o coquetel apocalíptico de ritmos. Os vocais guturais de Max Cavalera entram na cadência de uma endiabrada roda de capoeira, sem a presença do berimbau, instrumento que pontua várias outras músicas do disco.

Vocais indescritíveis sobrevivem em meio ao peso destrutivo do pagode absurdo que é a faixa "Atitude".

Carlinhos Brown e o Sepultura levam a uma viagem pela realidade brasileira, com favelas, subúrbios, Zé do Caixão e Lampião, na moqueca elétrica "Ratamahatta". Um encontro tão significativo quanto o de Gilberto Gil e os Mutantes em "Domingo no Parque", guardadas as devidas proporções.

A já impressionante pegada do

baterista Igor Cavalera ficou mais apimentada após o encontro com Brown, ganhando ginga e tempero. Mais de 15 instrumentos de percussão foram usados nas 15 faixas desse disco. Na versão nacional do CD há duas faixas bônus, "Procreation" (cover do Celtic Frost) e "Symptom of the Universe" (cover do Black Sabbath).

Nessa incessante busca das raízes, nada mais natural, ou sobrenatural, que a alma de Hendrix se digitalizando na guitarra enfurecida de Andreas Kisser em "Straighthate", criada para expor a revolta da banda. O clima quase psicodélico ganha força com o baixo delirante de Paulo Jr.

"Lookaway" é a única faixa fora do conceito de "Roots". Traz a bateria eletrônica de DJ Lethal (do grupo branco de rap House of Pain) e grunhidos de Mike Patton (Faith No More), Jonathan Davis (Korn) e Max.

Para acalmar os tímpanos para os cantos xavantes, o Sepultura serve "Jasco", uma curta peça acústica em que Andreas retoma sua formação clássica e a assumida influência de Egberto Gismonti.

"Itsári" —raízes, em xavante— traz um dos rituais de cura da tribo para o século 21. Gravada na aldeia de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso, a música é a simbiose perfeita deste encontro multicontra-cultural.

O resultado é uma troca de informações de fina sensibilidade, muito diferente dos já ensaiados encontros entre o pop e o folclórico. A poesia do canto xavante foi preservada em "Itsári" e o Sepultura, sabiamente, não submeteu a cultura indígena a seu catecismo heavy metal.

Já em "Dictatorshit" a banda volta aos temas políticos e dá seu pesado apoio ao movimento Tortura Nunca Mais. É o velho estilo podião retornando para fechar "Roots".

Disco: Roots
Gravadora: Roadrunner
Lançamento: começo de março
Preço: R\$ 20 (CD, em média)

DOCUMENTÁRIO

Festival internacional abre inscrições

Da Reportagem Local

As inscrições para "Tudo é Verdade - 1º Festival Internacional de Documentário", dirigido pelo articulista da Folha Amir Labaki, estão abertas até 1º de março. O evento começa dia 12 de abril no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio, e dia 16 de abril, no Centro Cultural São Paulo e Cinesesc.

O festival apresentará 25 títulos, divididos em três seções: panorama brasileiro, panorama internacional e retrospectiva. "Um terço deles será nacional e dois terços, internacionais. Não é um festival

competitivo, mas uma vitrine da produção de documentários, que está em alta", diz Labaki.

Segundo Labaki, o interesse pelo gênero está aumentando, assim como as opções de eventos dedicados ao gênero, como os festivais mais recentes em Yamagata (Japão), Amsterdã (Holanda) e Marselha (França).

A programação internacional de "Tudo é Verdade - 1º Festival Internacional de Documentário" traz uma seleção dos premiados nos festivais internacionais de 95 e 96.

Entre os títulos confirmados estão: "Carl Dreyer - Meu Metier",

de Torben Jansen (seleção especial Festival de Veneza 1995); "Jaime de Nevaes: Último Viaje", de Marcelo Céspedes e Carmen Guarani (menção especial Festival de Havana 1995); "A Casa da Rua Arbat", de Marina Goldskaya (Prêmio Europa no Festival de Marselha 1995); e "Sinfonia da Cidade", de Heikki Ahola (Prêmio Revelação de Nyon 1995).

Entre os principais destaques da safra de documentários nacionais de 1995-1996 já foram selecionados: "Carmen Miranda, Banana Is My Business", de Helena Solberg; "No Rio das Amazonas",

de Ricardo Dias; "Prazeres Sintéticos", de Iara Lee; "Todos os Corações do Mundo", de Murillo Salles; e "Índio do Brasil", de Sylvio Back.

Entre os curtas estão "Socorro Nobre", de Walter Salles; "Criaturas que Nasceram em Segredo", de Chico Teixeira; "Roberto", de Amílcar Claro; e "Vala Comum", de João Godoy.

A programação da série retrospectiva ainda não foi divulgada. Os cineastas interessados em participar do festival devem contatar a Associação Cultural Kinoforum, no telefone (011) 852-9601.